

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Victor Ernesto Verbena

O MOVIMENTO PUNK NO BRASIL: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE UMA CULTURA JUVENIL

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Victor Ernesto Verbena**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472300A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**O Movimento Punk no Brasil: Análise Sociológica de Uma Cultura Juvenil**”, desenvolvido durante o período de Fevereiro de 2017 a Novembro de 2017 sob a orientação de Raphael Bispo dos Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Victor Ernesto Verbena

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

O MOVIMENTO PUNK NO BRASIL: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE UMA CULTURA JUVENIL

Victor Ernesto Verbena¹

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise sociológica do Movimento Punk brasileiro a partir de referências bibliográficas e do documentário "Botinada: A Origem do Punk no Brasil". Inicialmente, iremos apresentar esse filme e falar da importância do mesmo para essa cultura. Posteriormente, iremos falar sobre o punk rock como uma subcultura e movimento cultural. Após apresentar o documentário e o recorte histórico do movimento Punk, vamos analisar o filme Botinada, associando às teorias de autores referentes ao tema. Ainda depois de destrinchar o filme iremos buscar compreensões sobre algumas particularidades dessas tribos juvenis dos anos 1980. Essa cena que se formou nos anos 1980, mais especificamente em São Paulo, é caracterizada como uma cena juvenil, "pobre" e de caráter "agressivo" e "contestador". Suas vestimentas, seus cabelos e suas músicas pesadas expressavam fúria contra problemas de exclusão, sociais e políticos.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento Punk. Cenas Juvenis. Botinada.

1. INTRODUÇÃO

O punk entendido como um movimento cultural para objeto de estudo necessita de cuidados e limitações. Por se tratar de um acontecimento cultural que teve seus embriões na década de 1970 em países como Inglaterra, Estados Unidos e Brasil - e por ainda exercer influências na cultura contemporânea e em setores que vão além da música, como a moda por exemplo - o punk como movimento cultural em cada localidade e em cada época irá apresentar particularidades.

Nosso recorte será uma análise sociológica do Movimento Punk brasileiro que surgiu no final dos anos 1970 em São Paulo a partir do documentário "Botinada: A origem do Punk no Brasil", dirigido por Gastão Moreira e outras obras bibliográficas que falam sobre o punk brasileiro e sobre as cenas juvenis e tribos urbanas.

O filme de Gastão Moreira faz um levantamento sobre as origens do Movimento Punk no Brasil. O cenário principal é a cidade de São Paulo no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Foi uma movimentação majoritariamente de jovens das periferias que gostavam de bandas do gênero que surgiam na época, como *Ramones*, *Sex Pistols*, *Buzzcocks*, *The Clash*, entre outras. Com a disseminação do punk no Brasil, vários jovens de periferias passaram a ter interesse pelo segmento. Vale destacar que a informação na época era escassa; os poucos veículos de comunicação passavam informações equivocadas sobre ideologias e propostas, distorcendo o movimento. Um programa de rádio feito pelo finado Kid Vinil foi pioneiro ao divulgar o punk no Brasil. Assim, a capital paulista começa a criar um movimento de juventude que começava a consumir discos de bandas como *Ramones* e *Sex Pistols*, que naquele momento o país começava a receber, e logo surgem bandas como *Cólera*, *Restos de Nada*, *Condutores de Cadáver* entre outras que começam a fazer o punk brasileiro com letras em português que falam sobre aquela realidade vivida por eles. É importante ressaltar que antes do surgimento desse Movimento Punk paulista, no Brasil já existiam bandas que eram consideradas punks como *Joelho de Porco*, *Banda do Lixo* e *Made in Brazil*; mas ainda não havia uma cena punk como nos anos 1980. Usaremos a compreensão de cena defendida por Magnani (2005):

"... cena é constituída pelo conjunto de comportamentos (valores, regras) exibidos e cultivados por aqueles que conhecem e frequentam os lugares "certos" de determinado circuito. Em suma, pode-se "frequentar" o circuito, mas "pertence-se" a tal qual cena; enquanto aquele alude à rede, esta tem como referente os atores sociais, suportes dos sinais de pertencimentos e escolhas no próprio corpo, na roupa, no discurso; um é identificável na paisagem, enquanto outra se manifesta nas atitudes" (MAGNANI, 2005, p.201-02).

Essa cena juvenil dos anos 1980 apresentada por Gastão Moreira e pelas referências bibliográficas para a construção desse artigo foi marcada por bandas que inovaram o cenário musical brasileiro e abriram

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: correioeletronico@uff.edu.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

portas para outras que posteriormente ganharam projeção no rock nacional, como Os Paralamas do Sucesso, Titãs, Capital Inicial entre outras; porém teve um lado negativo, que foi tratado pela mídia como um movimento de constantes conflitos.

2. QUER SABER O QUE É PUNK?

A palavra punk foi criada por Shakespeare, e de acordo com Bivar (2001), era usada para apontar pessoas imprestáveis e marginalizadas; trata-se de um termo que adota apenas qualidades negativas. Podemos compreender o punk como uma subcultura com essência política e de contestação; composta por jovens excluídos que tem a intenção de mudar os parâmetros tradicionais da música e de seu modo de produção, mudar a relação entre banda e público e que anseia por mudanças políticas e sociais.

Sobre essa subcultura de uma juventude excluída, Abramo (1994) ainda vai afirmar que:

"Os punks investem de forma escancarada sobre si próprios a percepção negativa cristalizada na sociedade a respeito dos jovens pobres, buscando tornar explícita sua condição e, ao mesmo tempo, o caráter do preconceito: "Sim, somos pobres, feios, sem chances, perigosos." Eles não tentam disfarçar sua condição. Ao contrário, querem torná-la visível através de uma acentuação e, assim, produzir a denúncia da condição de exclusão, desigualdade de meios e de perspectivas, do preconceito que reforça essa exclusão" (ABRAMO, 1994, p.100).

O punk é uma cultura jovem que tem como referencial anterior a cultura hippie (alguns autores consideram o movimento hippie como um "pré-punk"), segundo Bivar (2001), "o movimento punk é a revanche dos hippies. Punk e hippie são os dois lados da mesma moeda" (BIVAR, 2001, p.28). Segundo Gallo (2010), essa transição da cultura hippie para o Movimento Punk aconteceu da seguinte maneira:

"Nascido em meados dos anos 70, o punk nas origens apareceu de forma muito diferente das manifestações anteriores de outros grupos. Os principais adeptos eram os jovens filhos de operários das periferias de Londres e de algumas cidades da América do Norte que sob os governos Thatcher e Reagan viram suas expectativas de vida frustradas. O punk, ao invés de apresentar-se como continuidade com um suposto movimento de jovens anterior, se reporta a ele essencialmente como ruptura, mesmo reconhecendo tributo a certas matrizes consolidadas na geração anterior, em música, em literatura e comportamento... A convivência com as comunidades hippies logo tornou-se insuportável, pois nelas cultivava-se um modo de vida compartilhado que para muitos punks se convertia num terrível aprisionamento" (GALLO, 2010, p.287).

Além da associação frequente com o hippie, o punk também é comumente comparado com o dadaísmo e o futurismo. Bivar (2001) aponta o visual rude e malcriado que é associado ao dadaísmo e em relação ao futurismo. O'Hara (2005) explica que o punk herdou a rejeição das artes tradicionais e o envolvimento com a plateia, e conclui:

"Esse envolvimento da plateia é um importante ponto de ligação entre a arte e o movimento punk, pois ambos tentaram quebrar as barreiras normais presentes na relação artista/espectador (O'HARA, 2005, p.39).

O punk tem como característica musical um som que, de acordo com Caiafa (1985), a força maior está no grave da percussão, o ritmo é pesado, o desenho musical é simples e a variação e o brilho vêm do vocal. É um gênero musical que chegou para romper com a tradição do rock; o rock antes do punk caracterizado por grandes produções, de custos muito alto e muita virtuosidade e artistas intocáveis.

Podemos afirmar que o punk tem como bandeira política a anarquia. O'Hara (2005) afirma: "Quando se trata de escolher uma ideologia política, os punks são antes de tudo anarquista." (O'HARA, 2005, p.74). Mas O'Hara (2005) deixa esclarecido que o punk antes de tudo é liberdade. No Brasil, de acordo com Essinger (1999), o anarquismo foi deixado um pouco de lado pelos punks, por conta de um livro que era grande referência para os punks que falava sobre esse tema, o "O que é anarquismo" de Caio Túlio Costa havia relatos partidários. Também existiam integrantes de bandas como Ariel (*Restos de Nada*) e Redson (*Cólera*) que pertenciam a organizações radicais de esquerda.

O que se sabe em relação ao nascimento do punk, é que existem dois lados para explicar a sua origem e pouco consenso de quem foi o pioneiro. O debate é entre Nova Iorque do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 e Inglaterra dos anos de 1975 e 1976. Nova York representada por *Ramones* e Inglaterra representada pelo *Sex Pistols*. Usarei aqui o argumento de Craig O'Hara (2005) para definir essa questão; o autor afirma que:

"Em geral, pensa-se que foram os nova-iorquinos que inventaram o estilo musical, enquanto os ingleses popularizaram a atitude política e o visual colorido" (O'HARA, 2005, p.31).

Silvio Essinger (1999), ao escrever sobre esse processo pioneiro do punk, aponta que:

"Os *Ramones* foram a ponta de lança na Inglaterra de toda uma ideia que, a essa altura, já tinha sido quase toda ela concebida. Cabelos, som, roupas, comportamentos e até um termo com o qual toda essa história pudesse ser embalada e vendida" (ESSINGER, 1999, p.31).

Com base em O'HARA (2005) e ESSINGER (1999) compreendemos então que os *Ramones* nos Estados Unidos criaram a estética e os *Sex Pistols* na Inglaterra disseminaram a cultura para todos os cantos do mundo. A autora Ivone Gallo (2010) em sua pesquisa ainda traça uma diferença entre o punk londrino e o punk norte-americano, afirmando que o londrino apresenta um discurso político e o norte-americano tem um destaque maior na questão visual e musical, mas ambos são de essência política. Um caráter agressivo e político que ataca e questiona de forma efêmera as instituições do poder.

Na Inglaterra dos anos 1970 se vivia um momento difícil para os jovens. O país passava por uma ascensão de conservadores no poder, crise econômica, desemprego, cultura desesperançosa... tudo afetava a juventude inglesa da época. Esse cenário de pouca perspectiva foi propício para o surgimento dessa nova cultura juvenil. O punk, nesse sentido, O'Hara (2005) vai afirmar que:

"É verdade que o desemprego e condições sociais escassas provocam sensações irritantes de alienação e frustração. Também é verdade que essas sensações podem ser expressas de várias maneiras. O crime tem sido a resposta mais popular de tempos recentes, mas naquela hora e naquele lugar os valentões começaram a tocar guitarra enquanto cometiam pequenos crimes de frustração. Ignorar as ligações óbvias entre o fenômeno punk e as desigualdades econômicas e sociais da Grã-Bretanha seria negar a validade das bases filosóficas do movimento. O punk na Grã-Bretanha era essencialmente um movimento de jovens brancos da classe operária desprivilegiada. Muitos deles sentiram fundo sua situação social e usaram o meio punk para manifestar sua insatisfação"... O objeto desses punks era expressar sua fúria de uma maneira áspera e original. A coisa mais odiada no mundo era alguém que fosse conformista assumido... O conformismo é rejeitado em todas as frentes possíveis a fim de perseguir a verdade ou às vezes apenas para chocar as pessoas" (O'HARA, 2005, p.32).

Em uma entrevista realizada com Silvio Essinger em outubro desse ano, ele diz que o punk é um tipo de música que não passou inicialmente pela indústria, uma música de contestação e de afirmação de setores marginalizados da população brasileira e que ganharam destaque pela sua força. São vozes que trazem a mensagem que não é do mainstream. "Não é o que o bom gosto quer ouvir", afirma Essinger (2017). O autor ao explicar o aparecimento do punk explica:

"O rock vive ciclos de rupturas... e eu vejo o punk como parte dessa virada de mesa periódica do rock, quando ele se acomoda, quando vai ficando mais suave, quando vai ficando mais desligado da sua pulsão sexual, da sua energia primordial..."(ESSINGER, 2017)

Essa geração *Ramones* e *Sex Pistols* é compreendida como a fase de descoberta/criação do punk, a classe de 76, podemos incluir também a banda inglesa *The Clash* nesse grupo; é um período em que o Movimento Punk ainda não tem bases muito sólidas, essas três bandas chegaram a assinar contrato com grandes gravadoras, e bandas que estavam surgindo para compor esse cenário acabaram se rendendo a uma nova geração de bandas, que é a New Wave; um momento no qual Bivar (2001) vai relatar que "muitas bandas punks originais aceitam o jogo e se vendem às grandes gravadoras" (BIVAR,2001, p.76). O gênero New Wave já é mais radiofônico e não tem a proposta contestadora que está na raiz do punk. Somente a partir de 1981 é que o punk irá ressurgir como um movimento solidificado e mais expressivo, como uma cena propriamente dita.

Sobre essa transição punk New Wave, Brandão e Duarte (2014) afirmam que por conta de uma má reputação do punk no final de 1977, geralmente associado a vandalismo, surgiu o termo New Wave (nova onda). Foi a imprensa mundial que começou a apontar esse novo gênero musical, e o punk aí começa a ter outros valores. Na década de 1980, começou a ser chamado de "pós-punk" ou de "rock moderno".

"O primeiro período do movimento punk terminou em 1979, com a morte de Sid Vicious, baixista dos *Sex Pistols*. Muitas bandas punks originais aceitaram o jogo comercial e se venderam às gravadoras, como os grupos *Generation X*, *The Adverts*, *The Damned* e outros, sendo consideradas as primeiras bandas traidoras do movimento. A partir de 1981, após esse breve refluxo, a manifestação punk ressurgiu com bandas como *UK SUBS* (Inglaterra) e *Dead Kennedys* (EUA). O movimento tomou então outro rumo..." (BRANDÃO; DUARTE, 2014, p.97)

Então, em 1981 o Movimento punk ressurgiu com uma nova cara, ainda herdando o caráter contestatório da geração de 76, porém como um movimento mais conscientizado, e assim se cria essa cena que

se espalha pelo mundo; surgem novas bandas como *UK Subs*, *GBH*, *Discharge*, *Exploited* (com o hino *Punk's not Dead*), entre outras. Cria-se aí um circuito de bandas independentes que entre elas trocam informações, organizam eventos, produzem zines e outros materiais, tudo sem grandes gravadoras e sem nenhuma assessoria de empresários influentes.

Nessa geração de 1981 também surge o *hard-core*, que é um novo gênero musical que tem suas raízes no punk. De acordo com Caiafa (1985):

"O segundo aparecimento do punk foi a explosão de centenas de bandas em todo mundo, 1981. As bandas fazem um som mais rápido ainda que o punk, as músicas duram segundos. Cada vez mais *hard*. Esses punks já são contra aquele primeiro som que se fazia em 77, considerado antigo e superado. O *hard-core* enxugou o rock de qualquer harmonia, tirou toda a música. A *Exploited*, banda escocesa, leva essa afirmação que vai ser incorporada como um lema punk, e que é o título de seu LP: *punk's not dead*" (CAIAFA, 1985, p.76).

De acordo com Essinger (1999), os *Sex Pistols* e o *The Clash* deixaram uma lição de anarquia e questionamento de poder; logo depois surgiu uma onda passageira do pop para em 1981 aparecer uma nova leva que é marcada pela música "Punks not dead" do *Exploited*, e bandas como *GBH*, *UK Subs*, entre outras que irão rejeitar o mainstream e a indústria do disco; a partir desse momento surge um cenário alternativo de bandas, que o autor classifica como:

"... um movimento de resistência e contestação política oposto ao pop e ao cinismo, com esquemas próprios de difusão de informações (os fanzines) e um circuito próprio de shows (baseado principalmente nos squats). O som, o visual, as danças e os padrões de comportamento que eles criaram são também a base para o que tem seguido até hoje pelos punks..." (ESSINGER, 1999, p.72)

Silvio Essinger, na entrevista concebida para esse trabalho, ainda afirma que o Movimento Punk contribuiu muito para que tivéssemos circulação de informações. Na época não havia internet para o compartilhamento de informações. O punk estava a parte da grande mídia; daí criaram fanzines, criaram seus próprios eventos, gravaram seu próprios discos e fitas e distribuíram para dentro e para fora do país. Foi um esforço de comunicação para que as coisas acontecessem com ideias afins para que se estabelecesse uma cena.

Estamos nesse trabalho analisando essas duas gerações pioneiras do punk, mas após essa geração de 1981 se criou várias cenas mundo a fora, como os *skinheads*, o *Straight edge*, o *emo*, etc. Existe uma infinidade de cenas; sobre isso, O'Hara (2005) vai afirmar que "toda vez que se olha ao redor, hoje em dia, há uma nova facção que surge na cena... o punk está mudando rapidamente" (O'HARA, 2005, p.18).

3. BOTINADA: A ORIGEM DO PUNK NO BRASIL

A partir de agora investigaremos neste artigo o filme "Botinada: A origem do punk no Brasil" dirigido por Gastão Moreira e lançado em 2006.

O filme de Moreira é uma narrativa que conta a história da chegada do punk no Brasil, assim iniciando o Movimento Punk brasileiro, e o cenário é a cidade de São Paulo. A história é resgatada a partir de documentos diversos da época como jornais, vídeos e depoimentos de personagens que viveram aquele momento e se envolveram na cena. Dois autores que são referência deste trabalho também participam do filme, que são Silvio Essinger e Antônio Bivar.

O documentário que tem pouco mais de 100 minutos de duração se inicia com um debate a fim de definir o punk, e são lançadas várias hipóteses: movimento político, movimento jovem, rebeldia, movimento que buscava desconstruir a sociedade, estética musical, estética comportamental, movimento de libertação através da arte, etc. Todos os conceitos levantados montam a ideia do punk, conforme na bibliografia de Essinger (1999), O'Hara (2005) e Bivar (2001). Também vale destacar que autores brasileiros como Essinger (1999) e Bivar (2001), o filme expõe o momento que o Brasil vivia no final dos anos 1970 e início dos anos 1980: a ditadura militar. Ou seja, a situação era propícia para o surgimento de uma manifestação jovem e rebelde, que através de sua estética ameaçadora, suja e feia expressasse seus problemas de exclusão social, políticos, culturais, etc.

Sobre a contextualização do surgimento do punk no Brasil, iremos usar o que foi escrito por Oliveira (2014). O ano da chegada foi 1977, período de Ditadura Militar, na época existiam expectativas para a retomada da democracia no país. Foi um momento de opressão na história brasileira. O governo impunha barreiras

culturais; distribuição e circulação de materiais que promoviam cultura e liberdade como livros, jornais, revistas e discos, tudo que poderia ser libertário e contra o governo era censurado.

Sevillano (2015) analisa que nesse momento o punk brasileiro estava buscando os mesmos ideais que os britânicos buscaram em sua criação, que seria um caminho que rompesse com a tradição. Na Inglaterra, o modelo de música era o rock progressivo e outros artistas intocáveis, no Brasil esse modelo de tradição era a MPB e os Festivais de Música da década de 1960. No Brasil, o Movimento Punk chegou para romper com essa tradição musical que reinava. "O movimento punk busca quebrar tanto a hegemonia de um modelo de produção musical como a forma de sua distribuição e comercialização, e tenta construir algo novo a partir de uma rede de sociabilidade criada entre os grupos e seus fãs" (SEVILLANO, 2015, p.11-12). No mesmo texto, o autor vai ainda enfatizar que: "...em São Paulo a música e o estilo eram caracterizados como forma de expressão política de um grupo que vivia na periferia e que buscava uma voz para se expressar, sendo geralmente reprimidos por conta de sua origem social..." (SEVILLANO, 2015, p.13)

A chegada da informação no Brasil é marcada por três registros: o primeiro disco dos *Ramones*, o disco "*Never Mind The Bollocks*" dos *Sex Pistols* e uma coletânea da Revista Pop. Esses discos viravam centenas de fitas K7 que circulavam entre todos do movimento.

O acesso a informação era escasso, o que fazia com que ideias referentes ao movimento punk chegassem de forma distorcida pela imprensa, mas mesmo assim o movimento ganhava cada vez mais jovens adeptos. Existiam bailes que abriam espaço para tocar músicas punk e também existia um programa de rádio do finado Kid Vinil que ajudou a divulgar o punk na época.

As primeiras bandas a surgirem no cenário paulista foram *Condutores de Cadáver*, *AI5*, *Restos de Nada* e *Cólera*; de acordo com o Botinada foram as bandas que "deram um start no movimento". O propósito das bandas era falar das realidades vividas nas periferias de São Paulo.

O surgimento dessas bandas e do próprio Movimento Punk no Brasil, além da questão já abordada da contestação política e social, foi também um protesto contra a própria música; isso tanto no Brasil quanto na Inglaterra. O punk surge com uma proposta de produção musical mais simples. Caiafa (1985) afirma que "O punk surgiu então num momento em que a extrema complexidade de elaboração e execução fazia do rock uma obra de muitos anos de trabalho... e muito dinheiro para comprar os mais sofisticados equipamentos" (CAIAFA, 1985, p. 09). Essa simplicidade é relatada no documentário, no qual alguns entrevistados até criticam cantores da MPB como *Caetano Veloso* e *Gilberto Gil*, afirmando serem artistas privilegiados e de grandes estruturas, os medalhões da MPB.

Com essas bandas pioneiras, começaram a surgir festivais e shows punks em São Paulo; o *Condutores de Cadáver* foi a banda que iniciou essa prática. Aí se inicia o que é conhecido na filosofia do punk como "Do It Yourself" ou "Faça Você Mesmo", que é articulação das próprias bandas e de outras pessoas de dentro do movimento para fazer tudo acontecer; eles mesmo organizam shows, gravam e distribuem discos, criam e distribuem os fanzines... Para O'Hara (2005) o "Faça Você Mesmo" faz do punk uma arte diferente do rock tradicional:

"A ética motriz por trás dos esforços sinceros do punk é o DIY - Do It Yourself [Faça Você Mesmo]. Não precisamos depender dos ricos homens de negócios para organizar nossa diversão e lucrar com ela - podemos fazê-lo nós mesmos, sem visar lucro. Nós punks, podemos organizar shows e passeatas, lançar discos, publicar livros e fanzines, distribuir nossos produtos via mala direta, dirigir loja de discos, distribuir literatura, estimular boicotes e participar de atividades políticas. Fazemos todas as coisas bem. Alguma outra contracultura de jovens dos anos 80 e 90 pode afirmar que faz tudo isso?" (O'HARA, 2005, p.151)

Ainda sobre o FVM é importante apontar as produções de fanzines (revista de fã) dentro do movimento. São publicações criadas por pessoas de dentro do movimento; são informativos sobre bandas, política, filosofia e assuntos de diversos interesses. O'Hara (2005) afirma que os fanzines "são a principal forma de comunicação entre os punks" (O'HARA, 2005 p.66). Alguns fanzines que começaram como publicações de pequenas tiragens acabaram se tornando grandes como o *Maximumrocknroll* dos Estados Unidos. No Brasil, Bivar (2001) aponta três fanzines do movimento, que são o *Factor Zero*, o *Vix Punk* e o *SP Punk*.

São Paulo assim passa a ter produções de shows e festivais de estrutura precária, circulação de fanzines, discos e fitas K7, os pontos de encontro como o Largo São Bento, a loja Punk Rock, o seleiro de bandas na Vila Carolina e outros eventos; assim se construiu o Movimento Punk de São Paulo, uma tribo urbana que Magnani (1992) irá dizer que:

"... pode-se dizer que tribo constitui uma forma de organização mais ampla que vai além das divisões de clã ou linhagem (parentesco) de um lado e da aldeia, de outro. Trata-se de um pacto que aciona lealdades para além dos particularismos de grupos domésticos e locais" (MAGNANI, 1992, p.49).

Turra Neto (2009) faz um esquema geral da formação do Movimento Punk em várias partes do mundo, que também servirá para o Brasil, e que está bem clara no filme *Botinada*:

"... a formação de cada cena apresenta os seguintes traços gerais: jovens descobrem o som, correm atrás de mais informação por canais diversos e, tendencialmente, mais restrito ao underground. Novas pessoas são conhecidas no lugar, pelo encontro na rua, pelo contato nos poucos espaços que conseguem negociar na cidade. Pessoas vão se reconhecendo a partir de símbolos da própria cultura, que passam a ostentar. Bandas aparecem na cena, bem como fanzines. O movimento começa a ficar mais sério, a ganhar feições de um movimento de rebeldia, resistência, contestação e, sobretudo, de uma diversão genuína, fora dos canais tradicionais da indústria cultural e da indústria do lazer, que dominam as cidades (NETO, 2009, p.132).

Em 1982, podemos considerar que todas os traços gerais apontados por Turra Neto (2009) acima estavam nos estágios mais avançados, e assim iremos apontar os principais acontecimentos presentes no filme.

Se cria então uma tribo de punks que nas palavras de O'Hara (2005) "expressar sua fúria de uma maneira áspera e original" (O'HARA, 2005 p.32).

O ano mais importante do Movimento Punk no Brasil foi o ano de 1982; nesse ano a tribo teve grande crescimento e ganhou popularidade, com distorções midiáticas e diversos acontecimentos que são contados no filme de Gastão Moreira.

3.1 1982

O Movimento Punk de São Paulo vive o seu auge em 1982; vários shows, produções de importantes coletâneas como *SUB* e *Grito Suburbano*; e conflitos de gangues entre São Paulo e ABC paulista; lançamentos de livros e documentários que esclareciam a filosofia do punk bem como notícias que também distorciam o movimento.

"Aquele foi um ano pródigo para os punks de São Paulo. As bandas se proliferaram. Na mesma época, Bivar se tornou correspondente do fanzine californiano *Maximum RocknRoll*, que estampou uma matéria sobre o punk brasileiro na capa do seu número dois... Quantos eram os punks em São Paulo? Mil, dois mil, até cinco mil, arriscaram alguns. Com idades entre 15 e 25 anos, eles viviam no dia-a-dia como bancários, estudantes, escriturários, balconistas... O visual era o clássico, sem muitas variações: roupas pretas, jaquetas cheias de buttons, tachas, correntes... cabelo moicano ou curto e arrepiado..." (ESSINGER, 1999, p.115)

Ao analisar esse emblemático ano de 1982, Bivar (2001) relata que o Movimento Punk foi o melhor colaborador da imprensa naquele ano. Os punks surpreenderam a todos os veículos da época com seu engajamento nas causas sociais e políticas. Tiveram os veículos que denegriram a imagem do movimento, como uma matéria do jornal *Estadão* e uma matéria do *Fantástico* da Rede Globo que desestruturou todo o movimento como comentaremos nos próximos parágrafos.

"... o jornal *O Estado de S. Paulo* publica uma série de reportagens com o título "Geração Abandonada". Em uma das reportagens o autor trata os punks como se fossem mack-navalhas, armados de canivetes, estiletes, correntes, machados; marginais violentíssimos, sujos, assaltantes e discípulos de Satã" (BIVAR, 2001 p.98).

A relação da mídia com o Movimento Punk é marcada por distorções. Também isso não é um fato exclusivo do Brasil. Caiafa (1985), ao pesquisar textos teóricos sobre o punk no Rio de Janeiro e no mundo, percebeu uma quase totalidade negativa sobre o mesmo.

"Com frequência, os punks aparecem como uma resposta à crise econômica, um resultado de impasses a nível de governos, mero produto de uma sociedade que outros provocaram" (CAIAFA, 1985, p.19).

O Movimento Punk de São Paulo teve uma outra particularidade: o conflito entre gangues de São Paulo (da city) e do ABC paulista. De acordo com o filme *Botinada*, essa guerra impediu diversos acontecimentos, como o intercâmbio entre as bandas das regiões, shows e festivais. A justificativa desse conflito era a de que os punks do ABC estavam em uma região mais industrializada, envolvida com a causa operária, e assim eles diziam que os punks da "city" eram playboys. Outra justificativa do conflito era a argumentação de que os punks

da cidade de São Paulo tinham mais acesso aos lançamentos de materiais estrangeiros, eram os paulistas que apareciam na mídia ao falar do movimento e os punks do ABC estavam excluídos de tais oportunidades.

"O Movimento Punk em São Paulo, conheceu uma história particular que se baseou na formação de dois grupos originalmente rivais. Existiam os "punks da city" X os "punks do ABC" e Zona Leste. Essa diferenciação que justificou uma pretensa defesa de quem seria legítimo no Movimento, foi durante muito tempo confundida com a essência do punk em São Paulo"(KEMP, 1993 p.99-100).

No mesmo texto de Kemp (1993), a autora ainda completa que para os punks do ABC, a identidade era individualista, violenta e nihilista, enquanto os punks de São Paulo estavam ancorados na ideia da proposta de destruir o sistema, um propósito anarquista, e também identificados com o punk inglês.

Há uma diferença no visual e no próprio comportamento dos punks dessas duas facções como aponta Caiafa (1985). A autora afirma que no ABC os punks são mais agressivos e andam de roupas rasgadas e os punks da city são caracterizados por roupas pretas e buttons. A autora ainda afirma que o conflito entre gangues na cidade de São Paulo também é entre eles mesmo; para Janice Caiafa, essa guerra se dá ao fato de que "pertencer a tal gangue de tal região define posições dentro do Movimento" (CAIAFA, 1985, p.43)

Existe um outro argumento presente no documentário para justificar esses conflitos entre gangs que está embasado no filme *The Warriors*; é um filme que conta uma história de briga entre gangues de Nova York, e no Brasil houve essa concepção errônea de que isso fazia parte do Movimento Punk.

Caiafa (1985), ao analisar o conflito entre gangues, vai apontar esse fato como um fenômeno coletivo, e ao tentar compreender esse fenômeno deve se levar em conta que:

"A gangue é uma experiência coletiva. Tentar compreender seu funcionamento é acompanhar o investimento do bando num agenciamento coletivo; é assistir a como o desejo se arma como exercício de grupo, como estratégia de grupo, e ao que eles usam para fazê-lo circular, em que outras estratégias se apoiam nessa sua experimentação, o que aproveitam do espaço urbano, que é seu meio, para esse exercício, o que serve de ajuda, o que emperra e constrange" (CAIAFA, 1985, p.63).

Os shows que aconteciam naquele ano eram marcados por confusões, repressões policiais e sem qualidade técnica. Vamos destacar dois eventos de importância que foram realizados com a tentativa de apaziguar o conflito SP X ABC; um foi o evento do Salão Beta PUC, que ocorreu em 28 de agosto de 1982 e o outro foi o Começo do Fim do Mundo no SESC Pompeia, em 27 e 28 de novembro de 1982. Este último é lembrado até nos dias atuais e se tornou histórico pela sua grandiosidade.

Para compreendermos essa questão de conflitos presentes nos eventos do Movimento Punk, vamos embasar em Turra Neto (2009), que compreende o show como um "território disputado por diferentes lógicas e grupos, de forma que a diversão também se dá como enfrentamento e divergência..." (NETO, 2009, p.146)

O evento no Salão Beta PUC foi a primeira tentativa de reunir as duas facções. O público foi grande e atraiu diversos estudantes que se identificavam com o movimento. Ocorreu um incêndio no local e tempos depois as pessoas envolvidas na organização descobriram que o incêndio foi um ato planejado para queimar arquivos de invasão militar, mas os punks levaram a culpa do acidente.

O "Começo do Fim do Mundo" talvez seja o evento punk de maior repercussão de todos os tempos. Foi um festival que propunha um acordo de paz entre SP X ABC. O festival teve repercussão na imprensa internacional e colocou o punk paulista em evidência no mundo inteiro. Praticamente todas as bandas das duas regiões tocaram em um dos dois dias. Essinger (1999) descreve:

"Em novembro, enfim São Paulo parecia estar preparada para o seu primeiro festival punk de porte: O Começo do Fim do Mundo, ou melhor, o I Festival Punk do Sesc-Fábrica da Pompéia, organizado por Calegari e Bivar no Sesc Pompéia e programado para acontecer nos dias 27 e 28 daquele mês. A ideia era reunir no palco 20 bandas de São Paulo e do ABC, dez por dia, tocando entre as 14 e as 18 horas, com entrada franca. O Sesc buscou o custo do aluguel do som e a gravação de fitas cassete que, reprocessadas em estúdio para estéreo, virariam um disco. Além dos shows, o evento contou com várias atividades paralelas... Nos dois dias de festival, cerca de 3 mil punks compareceram ao Sesc Pompéia... Entre a plateia, uma tensão mal contida entre facções não exatamente fraternas – alguns banheiros foram quebrados e algumas pessoas de fora do movimento, hostilizadas" (ESSINGER, 1999, p.117)

Mas nem tudo foi perfeito. Os punks com o visual agressivo para a época em muita quantidade acabaram assustando a vizinhança do SESC Pompéia e ocorreram confrontos e brigas entre os punks e a polícia. Mas todas as bandas tocaram e o festival aconteceu nos dois dias conforme o programado. Esse festival é sempre lembrado. Em 2012 no mesmo SESC Pompéia foi realizado o festival "Fim do Mundo, Enfim", que foi uma comemoração da realização do "Começo do Fim do Mundo" em 1982. Foram reunidas bandas que se

apresentaram em 1982 e bandas contemporâneas. O festival de 2012 virou um documentário, e no encarte do DVD, Antônio Bivar escreve um texto que diz:

"... Em 1982 o punk interessou a opinião pública por mostrar que havia na união uma verdade vociferada e uníssono e mostrada no visual. Adolescentes pobres e magros (alguns gordos não eram a exceção). Vestiam preto, andavam em grupos, cabelos enfiados, não agrediam ninguém gratuitamente, mas "arrepiavam". Os punks surpreenderam a mídia por serem bem articulados, fortes e conscientes de sua condição social e que as coisas tendiam a piorar. Trabalhavam, ganhavam salário mínimo, moravam com as famílias em regiões proletárias. Contestavam contra o Sistema, a Saúde Pública, o Consumismo, os hippies "bundas moles e bichos grilos", a MPB e as Injustiças Sociais."

Após a realização do festival de 1982, o programa Fantástico da Rede Globo exibiu uma matéria sobre o punk que, de acordo com o Botinada, foi um ponto crucial para a dispersão do Movimento Punk. Foi uma matéria que associou os punks a ladrões e pequenos infratores; isso causou uma rejeição maior da sociedade e muitos punks que trabalhavam chegaram até a perder o emprego por conta da repercussão negativa. Sobre tal acontecimento, Oliveira (2006) comenta:

"A imprensa cumpre o papel de divulgar o movimento, mas distorce e supervaloriza os atos de violência influenciando iniciantes, sendo que os atos de violência punk são consequência, também, desse tipo de informação recebida. A televisão participava nesse movimento com reportagens "todas parciais e facciosas, omitindo a verdadeira ideologia e intenção dos punks"... Uma dessas reportagens foi a do programa do Fantástico, da Rede Globo "que é um grande agente do sistema e o maior meio de alienação em massa". Uma repórter hipócrita conseguiu ridicularizar o movimento ao máximo comparando os punks com a água podre que corre pelo chão imundo, dizendo que os punks se identificam com o lixo e o sujo, que não trocavam por nada as suas roupas sujas e rasgadas" (OLIVEIRA, 2006, p.57).

Ao descrever a atuação do punk, Abramo (1994) afirma que é como uma forma de denúncia, um 'grito suburbano', faz parte dessa cultura o deslocamento pelas ruas em bandos nervosos e assustadores, o que Caiafa vai chamar de "produção de um choque". É o estado de insatisfação e de não aceitação expressado pela agressividade e pela transgressão. O estilo se articula oposto a conceitos imperantes e se constrói em aspectos negativos como indigência, desarmonia e materiais desvalorizados e de pouca qualidade.

O Botinada de Gastão Moreira é um resgate histórico do diretor exibida através de um produto audiovisual. Mangabeira (2012), ao discursar sobre a análise sociológica de um determinado filme, afirma que:

"A leitura que o cinema faz da realidade toma-se fundamental para a Sociologia na medida em que é uma visão construída, que reflete demais visões de mundo, que problematizam questões e noções caras aos cientistas sociais... A história ali contada é parte de uma impressão da realidade e o cineasta transforma-se em pensador" (MANGABEIRA, 2012, p.143-44).

O filme é mais um registro que conta a história do punk brasileiro, assim como a obra de Silvio Essinger, Antônio Bivar e outros autores usados como referência nessa análise. O discurso de Gastão Moreira é mais uma referência usada para a análise dessa cena juvenil.

4. A FORMAÇÃO DE UMA CENA AGRESSIVA E JUVENIL

Como foi verificado nas referências bibliográficas deste trabalho e no Botinada, o Movimento Punk é uma tribo urbana juvenil; é uma arte fortemente associada a uma juventude excluída e inconformada, como afirma Bivar (2001):

"... trata-se de um movimento de revolta adolescente, de uma garotada que, de vida - e no momento de explosão do movimento - tem apenas uma média de idade em torno dos 18 anos. Uma geração que, insatisfeita com tudo, acaba de invocar o espírito de mudança" (BIVAR, 2001, p.47)

Ivone Gallo (2010) afirma que nas produções acadêmicas referentes ao assunto, a abordagem sociológica sobre o punk trabalha a categoria de movimentos jovens ou juventude.

O autor Turra Neto (2009) entende o movimento como uma manifestação juvenil, cultural e política, "... essas culturas juvenis podem ser lidas como redes de sociabilidade, com potencial de mobilização em ações coletivas..." (NETO, 2009, p.122). Essas redes são caracterizadas pela interação e pela solidariedade de seus membros, a diversão, o encontro e a festa são agregados dessa rede, esse movimento social reúne música, visual e modo de vida.

A faixa etária predominante no Movimento Punk é caracterizada por um momento de formação de senso crítico em relação a questões sociais, como afirma Abramo (1994):

"A juventude é o momento em que os indivíduos podem atentar para os dados tornados problemáticos pela mudança social. E como é nesse momento que as forças formativas da personalidade estão se constituindo, as atitudes básicas em processo de desenvolvimento podem aproveitar o poder modelador das situações novas" (ABRAMO, 1994, p. 48-49).

Antônio Bivar (2001), ao tentar explicar os conflitos vividos no Movimento Punk, vai associar esse fenômeno a própria juventude: "Eles brigam pelo prazer de brigar, uma necessidade adolescente e masculina de exercitar a musculatura em formação" (BIVAR, 2001 p.107).

A antropóloga Janice Caiafa (1985) entende que esses grupos são dispersos e sem lideranças. A inquietude e a dispersão são marcas desse grupo. Constantemente vivem um clima de transgressão e abusos.

A rebeldia é marca do punk, segundo O'Hara (2005), ela "está implícita no significado do movimento e de sua música e suas letras... está inclinado a alguma forma de rebeldia, seja contra os pais, autoridades ou todo o sistema" (O'HARA, 2005 p.42).

Em um estudo sociológico, o punk pode ser compreendido como uma tribo urbana juvenil agressiva, de estética suja e transgressora, que irá expressar sua indignação a diversas questões sociais e políticas. Pode até não ter nenhum engajamento com teorias sociais e políticas sólidas, mas não deixa de ser autêntico. O'Hara (2005) afirma que realmente não havia teorias sociais e políticas bem desenvolvidas entre os punks, Bivar (2001) afirma: "Se a política do mundo adulto é confusa, não se deve cobrar coerência maior do movimento punk. Mesmo porque trata-se de um movimento de revolta adolescente..." (BIVAR, 2001, p.47)

O punk está em todos os lugares. Brandão e Duarte (2014) o caracteriza como cosmopolita. Apesar de diferenças regionais como citado aqui, no caso de São Paulo com algumas particularidades, o punk irá em qualquer lugar do mundo sempre refletir o clima desesperançoso e que será uma resposta aos padrões convencionais da cultura e aos problemas sociais e políticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O punk como uma arte/cultura juvenil tem seus próprios veículos de propagação e estética própria, mas, de acordo com O'hara (2005), rotular o punk é um problema, não tem como associar a alguma imagem específica, pois o punk objetiva "destruir todos os rótulos e categorias" (O'HARA, 2005, p.17). O mesmo autor ainda vai dizer que o punk é:

"... uma ideia que conduz e motiva sua vida. A comunidade punk que existe o faz para apoiar e concretizar essa ideia através da música, da arte, de fanzines e outras formas de expressão de criatividade pessoal. E o que é essa ideia? Pense por si mesmo, seja você mesmo, não aceite o que a sociedade lhe oferece, crie suas próprias regras, viva sua própria vida" (O'HARA, 2005, p.40-41).

Apesar desse caráter contestatório e libertador da filosofia do punk, as "mídias tradicionais" não só no Brasil como no mundo, buscam deturpar e ridicularizar o movimento. Na obra de O'Hara (2005) são apontados exemplos em outras partes do mundo que distorcem o gênero.

O filme *Botinada*, em sua conclusão, *Fralda* (que na época tocava na banda *Ratos de Porão*) diz que o punk educa as pessoas, uma educação que as torna menos preconceituosas, uma educação que as vezes nem pai nem mãe conseguem dar. Turra Neto (2009) tem uma visão semelhante à de *Fralda* ao escrever que:

"Os jovens e as jovens formam visões de mundo, pensamento autônomo e crítico diante da realidade, assumem bandeiras de luta política, constituem-se enquanto sujeitos... essas vivências juvenis (das redes de sociabilidade e da cidade) ... são vivências educativas, que serão levadas para outras "fases da vida", formando sujeitos sociais de um certo tipo" (NETO, 2009 p.152).

Essinger (2017), ao falar da contribuição do punk na sua vida, afirma que: "...o punk é um espírito... o punk me fez buscar a música diferente, ser curioso, não acreditar na primeira versão que eu ouço da história... foi o que me fez afastar de qualquer dogma..." (ESSINGER, 2017).

O'Hara (2005) vai afirmar o mesmo, que o punk ensina a ter respeito, não julgar pelas aparências externas e apoiar o outro na luta por ser ele mesmo. Ao contrário de muitas mídias, o punk é uma atitude filosófica que muda as pessoas, para o bem.

REFERENCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

- BIVAR, A. O que é punk. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- BRANDÃO, A. C.; DUARTE, M. F. Movimentos Culturais da Juventude – São Paulo: Moderna, 2014.
- CAIAFA, Janice. 1985. Movimento Punk na cidade: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ESSINGER, Silvio. Punk: anarquia planetária e a cena brasileira. 1ª. imp. São Paulo; Editora 34, 1999.
- GALLO, Ivone. Por uma historiografia do Punk. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. p. 2176-2767, v. 41, 2010.
- KEMP, Kenia. "Grupos de Estilo Jovens: o 'Rock Underground' e as práticas (contra)culturais dos grupos "punks" e "trashs" em São Paulo". Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social (Rev. de Sociologia da USP), São Paulo, v. 17, no. 2, p. 173 – 205, novembro de 2005.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. (1992), "Tribos urbanas: metáfora ou categoria?". Cadernos de Campo. Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia da USP, 2 (2): 49-51.
- MANGABEIRA, Clark. 2012. Olhando para trás ou para que serve um filme de 2003? Uma análise sociológica de Dogville. Revista dos Discentes do PPGS/UFSCar | v. 1 | n. 1 | jan/jul - 2012 | p. 142 – 165
- O'HARA, C. A filosofia do punk: muito mais do que barulho. São Paulo: Radical Livros, 2005.
- OLIVEIRA, Antonio Carlos. Os fanzines contam uma história sobre punks. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.
- OLIVEIRA, Bruno Pereira de. A Cultura Punk e O Underground: Um estudo do cenário de duas cidades do interior paulista. Universidade federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas. PPG em Educação. 2014
- NETO, Nécio Turra. Punk e Hip-Hop na cidade: territórios e redes de sociabilidade. Cidades, Presidente Prudente, v. 6, n. 9, p. 121 – 154, 2009.
- SEVILLANO, Daniel. Fim do mundo ou novos tempos? O punk enquanto ante-sala do BROCK. Congresso Internacional de Estudos do Rock, 2.: 2015: Cascavel, PR. 2015

FILMES:

- Botinada: A Origem do Punk no Brasil. São Paulo, 2006. Direção Gastão Moreira.
- Fim do Mundo, Enfim. São Paulo, 2012. Direção: Camila Miranda.
- The Warriors. EUA, 1979. Direção: Walter Hill.

ENTREVISTAS:

- ESSINGER, Silvio. Entrevista concedida ao autor para este trabalho, realizada no dia 07 de outubro de 2017 no Rio de Janeiro - RJ